

A intuição inventiva é a intuição do sábio, do artista, do cientista ao descobrirem soluções súbitas, como uma hipótese fecunda ou uma inspiração inovadora. Na vida diária também enfrentamos situações que exigem verdadeiras invenções súbitas, desde o diagnóstico de um médico até a solução prática de um problema caseiro. Segundo o matemático e filósofo Henri Poincaré, enquanto a lógica nos ajuda a demonstrar, a invenção só é possível pela intuição.

A intuição intelectual procura captar diretamente a essência do objeto. Descartes, quando chegou à consciência do cogito - o eu pensante - considerou tratar-se de uma primeira verdade que não podia ser provada, mas da qual não se poderia duvidar: “Cogito, ergo sum”, do latim, que significa "penso, logo existo". A partir dessa intuição primeira (a existência do eu como ser pensante), estabeleceu o ponto de partida para o método da filosofia e das ciências modernas.

O conhecimento discursivo, ao contrário da intuição, precisa da palavra, da linguagem. Discurso. Do latim “discursus”, literalmente “ação de correr para diversas partes, de tomar várias direções”. A marca característica é a abstração, afastamento do concreto (matemática).

Como se dá então o conhecimento? Ao afastar-se do vivido, a razão enriquece o conhecimento pela interpretação e pela crítica. Esse distanciamento, porém, como enfatizam alguns filósofos, pode representar um empobrecimento da experiência intuitiva que temos do mundo e de nós mesmos. Por isso, o conhecimento se faz pela relação contínua entre intuição e razão, vivência e teoria, concreto e abstrato.